

RECENTES DESENVOLVIMENTOS DA FENOMENOLOGIA EM CONTEXTOS NÃO FILOSÓFICOS¹

RECENT DEVELOPMENTS OF PHENOMENOLOGY IN NON-PHILOSOPHICAL CONTEXTS

Róbson Ramos dos Reis²

Resumo:

O objetivo deste artigo consiste em apresentar dois recentes desenvolvimentos da metodologia fenomenológica de descrição e análise da experiência vivida. Acredita-se que essas duas propostas, já empregadas com resultados significativos na descrição e análise de experiências subjetivas em diferentes domínios vivenciais, possam ter importante contribuição no campo dos estudos sobre o cuidado e sobre a experiência vivida na dimensão da saúde. Tendo isso em vista, a partir de uma revisão da literatura, procedeu-se à apresentação da entrevista microfenomenológica e da entrevista fenomenológica. Como conclusão, é possível afirmar que a microfenomenologia e a entrevista fenomenológica diferenciam-se das metodologias consagradas de pesquisa qualitativa fenomenológica, na medida em que resultam do recente movimento de naturalização da fenomenologia e da atitude de mútuo esclarecimento em relação às Ciências Cognitivas. Tal característica implica que a aplicação dessas ferramentas metodológicas na área das Ciências da Saúde contém um importante potencial de compreensão dos complexos significados da experiência vivida em primeira pessoa.

Palavras-chave: Fenomenologia aplicada; Microfenomenologia; Entrevista fenomenológica.

Abstract:

The aim of this paper is to present two recent developments of the phenomenological methodology for description and analysis of lived experience: the microphenomenological interview and the phenomenological interview. It is held that these two proposals, already applied to the description and analysis of subjective experiences in different experiential domains, may have an important contribution for the studies of the lived experience in the health dimension. Based on a literature review, it is possible to state that microphenomenology and the phenomenological interview differ from the established methodologies of phenomenological qualitative research, insofar as they result from the recent movement towards naturalization of phenomenology and from the attitude of mutual clarification in relation to the Cognitive Sciences. This characteristic implies that the use of these methodological tools in Health Sciences contains an important potential for understanding the complex meanings of the experience lived in the first person.

Keywords: Applied phenomenology; Microphenomenology; Phenomenological interview.



¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (Processo nº 305002/2017-1) e da Fapergs, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Processo nº 19/2551-0000691-8).

² Róbson Ramos dos Reis, Prof. Titular no Departamento de Filosofia da UFSM. Email: robson.reis@ufsm.br, <https://orcid.org/0000-0001-5380-1192>

Introdução

O objetivo do presente artigo é destacar duas inovações no campo das metodologias fenomenológicas de pesquisa empírica e qualitativa. Divergindo das metodologias fenomenológicas amplamente utilizadas na investigação qualitativa, essas duas recentes propostas são resultantes do movimento de integração colaborativa entre a fenomenologia e as Ciências Cognitivas, especialmente a partir do surgimento do programa enativista e da neurofenomenologia proposta por Francisco Varela. Tais metodologias já têm sido empregadas com resultados significativos na descrição e análise de experiências subjetivas em diferentes domínios vivenciais. Conjectura-se que elas possam ter importante contribuição no campo dos estudos sobre o cuidado e sobre a experiência vivida na dimensão da saúde.

Filosofia fenomenológica e fenomenologia aplicada

Desde sua origem, o movimento fenomenológico apresentou uma diversidade de desenvolvimentos que, no entanto, exibem um traço comum: um entendimento da Filosofia como sendo um empreendimento epistêmico voltado para a produção de conhecimento filosófico autônomo. A Filosofia, nesse sentido, possui um domínio próprio de problemas, cuja elaboração e solução seriam o rendimento da prática da fenomenologia. Entretanto, desde muito cedo, os resultados da investigação fenomenológica foram apropriados e produtivamente postos em jogo em domínios teóricos não filosóficos. Por exemplo, são conhecidas as aplicações da fenomenologia nas Ciências Sociais, na Psicologia, na Psiquiatria e em domínios específicos de práticas profissionais não filosóficas (KOCKELMANS, 1987; MANEN, 2014; ZAHAVI, 2016).

Uma inovação significativa no movimento fenomenológico tem lugar nas últimas décadas do século XX, com a elaboração de metodologias fenomenológicas de pesquisa qualitativa. Amplamente empregadas na Psicologia Aplicada, na pesquisa em Educação, na Enfermagem e nas Ciências da Saúde são, por exemplo, o método fenomenológico descritivo de Amedeo Giorgi, a fenomenologia hermenêutica de Max van Manen e a fenomenologia hermenêutica interpretativa de Jonathan Smith (FINLAY, 2009).

Essas metodologias de pesquisa em domínios teóricos não filosóficos se tornaram consolidadas e produtivas, retirando a fenomenologia do contexto de problemas estritamente filosóficos. Não obstante, fortes objeções foram dirigidas a tais metodologias e seus resultados. Baseadas na distinção entre “fenomenologia como filosofia” e “fenomenologia como pesquisa qualitativa”, essas críticas se orientaram especialmente para o uso das metodologias fenomenológicas na pesquisa qualitativa no domínio da Enfermagem (PALEY, 1997, 1998, 2005, 2016). Respostas a essas objeções foram apresentadas (GIORGI, 2017; MANEN, 2017a). Ironicamente, uma das mais pertinentes respostas sugere que tais críticas incorrem no mesmo problema que, supostamente, estaria presente no emprego das metodologias fenomenológicas de pesquisa qualitativa: uma incompreensão de noções e temas básicos da fenomenologia (ZAHAVI, 2016).

Além das críticas externas, recentemente desenvolveu-se uma controvérsia entre os principais proponentes das metodologias fenomenológicas de pesquisa qualitativa (MANEN, 2017b, 2017c, 2018, 2019; SMITH, 2018; ZAHAVI, 2019a, 2020,

2021). O debate explicitou importantes diferenças e dificuldades teóricas. Foge ao escopo do presente artigo revisar as alegações, as objeções e os argumentos formulados na controvérsia. Seguindo uma sugestão reiterada por Zahavi (2019b), o objetivo neste estudo consiste em revisar duas recentes propostas de emprego da fenomenologia em domínios não filosóficos: a microfenomenologia e a entrevista fenomenológica. Tais desenvolvimentos têm em comum o emprego de resultados teóricos obtidos na recente fenomenologia naturalizada (GALLAGHER, 1997, 2018; ZAHAVI, 2010), o que representa uma diferença substancial em relação aos outros tipos de entrevista empregados nas metodologias fenomenológicas de pesquisa qualitativa.

A entrevista microfenomenológica

Nos estudos científicos sobre a cognição, reconheceu-se que a descrição da experiência subjetiva é um fator indispensável para a interpretação de dados obtidos por técnicas de neuroimagem. Com o desdobramento da neurofenomenologia, foram ressaltadas dificuldades centrais no estudo da experiência vivida: a sucessão rápida das operações mentais, a consciência parcial do modo como se realizam as tarefas cognitivas e, sobretudo, a característica pré-reflexiva de parte importante da experiência subjetiva. Isso implica a exigência de um tipo de treinamento não trivial para o acesso e a descrição da experiência vivida em primeira pessoa. Reunindo influências da Psicologia fenomenológica, das teorias da memória afetiva, das técnicas de introspecção e especialmente da entrevista de explicitação, a entrevista microfenomenológica é proposta como um método de entrevista para a ciência da consciência (PETITMENGIN, 2006).

Trata-se de uma ferramenta de investigação em segunda pessoa, porque o conhecimento da experiência vivida não resulta de um acesso e de uma descrição executados exclusivamente pelo sujeito da experiência, mas acontece na interação colaborativa com a pessoa condutora da entrevista. O reconhecimento explícito da dispersão da atenção e da predominância do foco nos objetivos em vez de no modo de realização das atividades mentais, bem como a presença tácita de representações errôneas sobre a cognição e suas dimensões, implicam, de um lado, a necessidade de um metaconhecimento sobre as dimensões da experiência vivida e, de outro, a aquisição de categorias apropriadas para a descrição dessa mesma experiência. Disso advém a necessidade de um treinamento rigoroso para a condução dos participantes da entrevista até a apropriada posição de atenção. Apenas com uma condução treinada, pode-se avançar na escala de precisão e profundidade do acesso e da descrição da experiência subjetiva. Não menos importante é o fato de que a experiência vivida somente é acessível retrospectivamente, o que torna imprescindível alcançar, com a guia da pessoa entrevistadora, o estado de evocação.

Dadas essas exigências não triviais, a condução da entrevista envolve a estabilização da atenção, a orientação para o “como” (e não tanto para o “quê” da experiência) e a recondução para a singularidade da experiência e de sua dimensão pré-reflexiva. Naturalmente, a escolha da experiência singular obedece a critérios epistêmicos como reprodutibilidade e durabilidade relativa da experiência. Assim, o papel de quem entrevista é evidente nessa demarcação por manter a relação de confiança ao mesmo tempo que guia à evocação da experiência. A intensidade da evocação, além disso, é acompanhada de pistas verbais e paraverbais, solicitando a atenção e a ação interrogativa da entrevistadora. Uma vez estabelecido o estado de

evocação, as diferentes dimensões da experiência pré-reflexiva são alcançadas com perguntas acompanhadas de uma atenção para a linguagem corporal dos gestos, dos movimentos e das referências icônicas e dêiticas.

Um importante problema teórico abordado na formulação do método da entrevista microfenomenológica relaciona-se com a suposta interferência da descrição linguística na experiência vivida. Sendo a verbalização *a posteriori*, ela não interfere na própria experiência. Não obstante, o treinamento nesse método requer o uso diferenciado e o enriquecimento gradual da linguagem, em grande medida em razão da pobreza vocabular e conceitual para enfrentar a complexidade das dimensões da experiência vivida pré-reflexiva. Note-se que o surgimento de uma linguagem adequada ao propósito e às dificuldades da microfenomenologia é visto como um estágio indispensável para a constituição de uma comunidade de pesquisa nesse novo campo de investigação.

Portanto, são decisivos, nesse método de investigação em segunda pessoa, os procedimentos de validação, na medida em que supõem uma concepção diferenciada da validação de uma descrição da experiência vivida. Nesse sentido, operam como critérios de justificação a obediência às regras e técnicas implicadas na entrevista, o treinamento dos processos empregados para superar as dificuldades na tomada de consciência reflexiva da experiência e a acuracidade em relação ao modo de obtenção das descrições. A reprodutibilidade intersubjetiva, a apropriação funcional das descrições e a eficácia da análise da experiência nas micro-operações cognitivas de outra pessoa também operam como critérios de validação. O principal critério de validação reside, no entanto, na posição de enunciação de quem descreve a experiência. Tal posição evidencia um contato com a experiência evocada no momento mesmo da expressão. Dessa forma, a presença de indicadores subjetivos e objetivos é requerida para discriminar as posições de enunciação em termos de proferimentos corporificados ou não. Esse ponto é complexo, porque implica a adoção de uma concepção de validade como proximidade e nível de profundidade no contato com a experiência vivida. Naturalmente, os procedimentos de reunião, organização, análise e formalização da representação da experiência descrita perfazem uma parte crucial do método da microfenomenologia (PETITMENGIN; REMILLIEUX; VALENZUELA-MOGUILLANSKY, 2019).

Os proponentes da microfenomenologia são conscientes da amplitude da dimensão que se instaura com a proposição de um novo método para o estudo científico da experiência vivida. Aplicações nos estudos sobre a experiência vivida na epilepsia, meditação e fibromialgia já apresentam resultados relevantes do uso dessa complexa ferramenta (PETITMENGIN *et al.*, 2017; PETITMENGIN; NAVARRO; QUYEN, 2007; VALENZUELA-MOGUILLANSKY, 2013). É pertinente ressaltar, ainda, que a existência de instituições de treinamento certificado na América Latina (Laboratorio de Fenomenología Corporal³) atesta a consolidação desse inovador e complexo método de entrevista fenomenológica para o estudo da experiência subjetiva.

A entrevista fenomenológica

³ Mais informações estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <http://fenomenologiacorporal.org/>

Com o mesmo propósito de investigar rigorosamente a experiência vivida e suas estruturas, foram propostos um marco teórico e uma ferramenta de pesquisa em segunda pessoa: a entrevista fenomenológica (HØFFDING; MARTINY, 2016). Esse tipo de entrevista não foi desenhado apenas para a pesquisa qualitativa científica, mas também para o exame dos problemas da Filosofia fenomenológica. Além disso, ela integra a entrevista em pesquisa qualitativa com *insights* fundamentais da fenomenologia. Disso resulta um tipo de entrevista que está informada por compromissos fenomenológicos e que, ao mesmo tempo, influencia a própria investigação fenomenológica. Ademais, essa entrevista é concebida com um passo adicional ao método fenomenológico da variação factual.

São características centrais desse tipo de entrevista: 1) entrevistador e entrevistado colaboram reciprocamente no conhecimento das estruturas da experiência vivida; 2) o entrevistador assume uma posição empática no intuito de possibilitar a ressonância da experiência vivida pelo entrevistado; 3) a compreensão da experiência é investigada em segunda pessoa, na medida em que os sujeitos envolvidos tomam a si mesmos como em interação conversacional; e 4) o entrevistador não assume uma posição neutra ou de passividade, mas participa ativamente no processo de compreensão da experiência vivida pelo entrevistado. Ademais, a pesquisa colaborativa em segunda pessoa admite objetivos variáveis: seja a confirmação ou rejeição de teorias sobre a experiência vivida, seja o engajamento em entrevistas mais abertas, não voltadas para a confirmação de tais teorias.

A geração interativa do conhecimento sobre a experiência vivida não deixa de reconhecer que o entrevistado possui um conhecimento em primeira mão, que é expresso em linguagem verbal e corporal na troca discursiva. Contudo, assume-se de antemão que o processo cognitivo gerado afeta o conhecimento discursivo e tácito do entrevistado que vivenciou a experiência. Em razão disso, a definição da entrevista inclui quatro compromissos fenomenológicos da parte do entrevistador: 1) a preservação da fenomenalidade em detrimento da prevalência de teorias e crenças a respeito da experiência estudada; 2) a busca de estruturas invariantes da experiência, implicando a noção de uma subjetividade ubíqua e não redutível de determinações históricas e contextuais particulares; 3) a irredutibilidade da subjetividade, implicando a adoção de procedimentos investigativos diferentes daqueles usados para conhecer objetos; e 4) uma concepção da subjetividade vivencial como sendo enativa, imersa e corporificada (o que é consistente com a concepção de cognição 4EA das Ciências Cognitivas não redutivas).

O processo da entrevista em segunda pessoa é estruturado em duas camadas. Na primeira, geram-se descrições do conteúdo experiencial, corporificado e em primeira mão, que é disposto para a análise. Na segunda, procede-se à análise, a qual visa generalizações que correspondam a estruturas experienciais, pertencentes à subjetividade como tal. A continuidade epistêmica entre as duas camadas introduz um elemento dinâmico adicional, resultando em um marco fenomenológico para elaborar as questões da entrevista que influencia a própria interpretação das descrições.

Naturalmente, um aspecto central dessa metodologia se refere à validação das análises obtidas. Na medida em que a concepção fenomenológica não toma a experiência vivida como um objeto ou processo estável, fixo diacronicamente, a ser encontrado com a memória, não está em questão uma validação que discrimine

descrições verdadeiras de falsas. Sendo imersa em outras experiência no mundo, com estruturas relativamente estáveis, e sendo acessível no encontro direto entre duas subjetividades, as descrições geradas são vistas como uma diferente manifestação da mesma experiência. As descrições não são, portanto, falsificações de uma experiência originária nem dados estáticos da análise, motivo pelo qual estão sujeitas a interpretações, revisões e novas interpretações. Esse é um tema mais complexo, que não pode ser examinado aqui. Ressalta-se, contudo, que a entrevista fenomenológica implica uma modificação na epistemologia de validação dos resultados da investigação. Ressalte-se que um incontornável elemento hermenêutico está implicado nessa epistemologia.

Aplicações da entrevista fenomenológica já foram feitas no campo dos estudos sobre paralisia cerebral e sobre absorção musical (HØFFDING, 2018; MARTINY, 2015). Devem ser mencionadas duas diferenças importantes em relação à entrevista microfenomenológica: a não aceitação da possibilidade de enativar novamente a experiência vivida e a ausência da pretensão de uma função terapêutica ou de aumento da consciência de si como resultados do emprego da entrevista. Esse é um tópico de fundação teórica dos recentes modelos de entrevistas fenomenológicas que merece uma consideração mais detalhada. Cabe destacar, no entanto, que ambas as propostas de metodologias para a pesquisa da experiência subjetiva partilham a convicção de que é preciso informar a investigação fenomenológica com os resultados da pesquisa nas Ciências Cognitivas não redutivas. Para isso, é decisivo reconhecer as mudanças nos metamodelos nas ciências do desenvolvimento e da experiência vivida, que abandonaram os *frameworks* dualistas e mecanicistas, adotando metamodelos relacionais e processuais (WITHERINGTON, 2018).

Conclusão: desenvolvimentos adicionais

A validade e a confiabilidade da entrevista fenomenológica constituem um tópico importante, inserido no debate fundacional sobre a credibilidade dos relatos subjetivos e da sua integração à ciência. Objeções ontológicas, epistemológicas e metodológicas manifestam ceticismo em relação à fiabilidade dos resultados da aplicação de instrumentos de coleta e análise de dados da experiência subjetiva. Alega-se que a introspecção não é epistemologicamente confiável, do mesmo modo que a memória episódica não é confiável. Ademais, sustenta-se que as entrevistas não alcançam os mecanismos psicológicos, cognitivos e biológicos subjacentes à dimensão da experiência vivida. Não obstante, argumentos sólidos foram apresentados para fornecer suporte à alegação de que as entrevistas fenomenológicas são, de fato, confiáveis como recurso de acesso e análise à experiência subjetiva (HØFFDING; MARTINY; ROEPSTORFF, 2022). Nesse caso, o cético é levado a um dilema: aceitar as justificações teóricas da validade das entrevistas fenomenológicas ou assumir um ceticismo recalcitrante que pode comprometer os pressupostos do empreendimento científico em geral e como tal. Esse é um tema em aberto, que merece atenção e análise granular.

Para concluir, identificam-se a seguir quatro direções de investigação fenomenológica colaborativa que não consistem em usos de técnicas de entrevista. A primeira é uma elaboração que oferece um quadro fenomenológico para o uso de métodos mistos de pesquisa qualitativa e quantitativa (MARTINY; TORO; HØFFDING, 2021). Trata-se de uma estrutura tríplice que abrange o marco

fenomenológico, a geração fenomenológica de dados qualitativos e quantitativos e, por fim, a análise e interpretação fenomenológicas dos dados. Essa é uma contribuição importante, especialmente quando se consideram as recentes aplicações de ferramentas de inteligência artificial (por exemplo, o processamento de linguagem natural) no estudo fenomenológico da experiência vivida (FROESE, 2021). A segunda é a pesquisa qualitativa fenomenologicamente fundamentada (KØSTER; FERNANDEZ, 2021). De modo análogo à fenomenologia *front-loading* nas Ciências Cognitivas, esse modelo emprega conceitos fenomenológicos referidos às estruturas da existência humana para fundar o domínio visado no estudo qualitativo. A partir dessa sugestão, formulou-se um entendimento da fenomenologia aplicada como sendo um programa de pesquisa interdisciplinar (BURCH, 2021). Nessa terceira direção, resultados centrais da análise fenomenológica são integrados a outras disciplinas não filosóficas, no intuito de solucionar problemas complexos que não admitem tratamento em apenas uma disciplina singular.

Por fim, uma quarta direção de uso da fenomenologia em contextos não filosóficos afasta-se do emprego de metodologias de entrevistas e de análise fenomenológica de dados. Considerando que há pessoas que podem estar com uma capacidade limitada de refletir e de se expressar sobre suas próprias experiências, formulou-se a proposta de estudos observacionais fenomenologicamente informados. Essa é uma sugestão inovadora, porque a fundação conceitual fenomenológica opera como condutora da investigação observacional. Um caso relevante de aplicação dessa abordagem toma como domínio de referência os pacientes com negligência hemiespacial (KLINKE *et al.*, 2015). Essa é uma direção importante, porque introduz uma abordagem fenomenológica não na descrição da experiência vivida em primeira pessoa, mas na observação do comportamento, o que resulta em um importante potencial de orientação para os cuidados clínicos (KLINKE; FERNANDEZ, 2022).

Em resumo, a microfenomenologia e a entrevista fenomenológica oferecem uma significativa contribuição teórica e metodológica para a pesquisa aplicada e colaborativa. O benefício desse potencial não é unidirecional, precisamente porque a investigação fenomenológica não pode deixar de ser informada pelos resultados da pesquisa empírica. Nesse sentido, também a Filosofia fenomenológica será beneficiada com o esclarecimento resultante da aplicação dessas metodologias em domínios não filosóficos.

Referências

BURCH, M. Make applied phenomenology what it needs to be: an interdisciplinary research program. **Continental Philosophy Review**, v. 54, n. 2, p. 275-293, 2021. DOI: 10.1007/s11007-021-09532-1.

FINLAY, L. Debating phenomenological research methods. **Phenomenology & Practice**, v. 3, n. 1, p. 6-25, 2009. DOI: 10.29173/pandpr19818.

FROESE, T. *et al.* The pandemic experience: a corpus of subjective reports on life during the first wave of COVID-19 in the UK, Japan, and Mexico. **Frontiers in Public Health**, v. 9, 725506, 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2021.725506.

GALLAGHER, S. Mutual enlightenment: recent phenomenology in cognitive science. **Journal of Consciousness Studies**, v. 4, n. 3, p. 195-214, 1997.

GALLAGHER, S. Rethinking nature: phenomenology and a non-reductionist cognitive science. **Australasian Philosophical Review**, v. 2, n. 2, p. 125-137, 2018. DOI: 10.1080/24740500.2018.1552074.

GIORGI, A. Review essay: a response to the attempted critique of the scientific phenomenological method. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 48, n. 1, p. 83-144, 2017. DOI: 10.1163/15691624-12341319.

HØFFDING, S. **A phenomenology of musical absorption**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

HØFFDING, S.; MARTINY, K. Framing a phenomenological interview: what, why and how. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v. 15, n. 4, p. 539-564, 2016. DOI: 10.1007/s11097-015-9433-z.

HØFFDING, S.; MARTINY, K.; ROEPSTORFF, A. Can we trust the phenomenological interview? Metaphysical, epistemological, and methodological objections. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v. 21, n. 1, p. 33-51, 2022. DOI: 10.1007/s11097-021-09744-z.

KLINKE, M. *et al.* Getting the left right. **Qualitative Health Research**, v. 25, n. 12, p. 1623-1636, 2015. DOI: 10.1177/1049732314566328.

KLINKE, M.; FERNANDEZ, A. Taking phenomenology beyond the first-person perspective: conceptual grounding in the collection and analysis of observational evidence. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 2022. DOI: 10.1007/s11097-021-09796-1.

KOCKELMANS, J. **Phenomenological psychology: the Dutch school**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishing, 1987.

KØSTER, A.; FERNANDEZ, A. Investigating modes of being in the world: an introduction to Phenomenologically grounded qualitative research. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 2021. DOI: 10.1007/s11097-020-09723-w.

MANEN, M. **Phenomenology of practice**. London: Routledge, 2014.

MANEN, M. Phenomenology in its original sense. **Qualitative Health Research**, v. 27, p. 810-825, 2017a. DOI: 10.1177/1049732317699381.

MANEN, M. But is it phenomenology? **Qualitative Health Research**, v. 27, p. 775-779, 2017b. DOI: 10.1177/1049732317699570.

- MANEN, M. Phenomenology and meaning attribution. **Indo-Pacific Journal of Phenomenology**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2017c. DOI: 10.1080/20797222.2017.1368253.
- MANEN, M. Rebuttal rejoinder: present IPA for what it is – Interpretative psychological analysis. **Qualitative Health Research**, v. 28, p. 1959-1968, 2018. DOI: 10.1177/1049732318795474.
- MANEN, M. Rebuttal: doing phenomenology on the things. **Qualitative Health Research**, v. 29, p. 908-925, 2019. DOI: 10.1177/1049732319827293.
- MARTINY, K. **Embodying investigations of cerebral palsy**: a case of open cognitive science. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Københavns Universitet, Copenhagen, 2015.
- MARTINY, K.; TORO, J.; HØFFDING, S. Framing a phenomenological mixed method: from inspiration to guidance. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 602081, 2021. DOI: 10.3389/fpsyg.2021.60208.
- PALEY, J. Husserl, phenomenology and nursing. **Journal of Advanced Nursing**, v. 26, p. 187-193, 1997. DOI: 10.1046/j.1365-2648.1997.1997026187.x.
- PALEY, J. Misinterpretive phenomenology: Heidegger, ontology and nursing. **Journal of Advanced Nursing**, v. 27, p. 817-824, 1998. DOI: 10.1046/j.1365-2648.1998.00607.x.
- PALEY, J. Phenomenology as rhetoric. **Nursing Inquiry**, v. 12, n. 2, p. 106-116, 2005. DOI: 10.1111/j.1440-1800.2005.00263.x.
- PALEY, J. **Phenomenology as qualitative research**: a critical analysis of meaning attribution. London: Routledge, 2016.
- PETITMENGIN, C. Describing one's subjective experience in the second person: an interview method for the science of consciousness. **Phenomenology and the Cognitive Science**, v. 5, p. 229-269, 2006. DOI: 10.1007/s11097-006-9022-2.
- PETITMENGIN, C. *et al.* What is it like to meditate? Methods and issues for a micro-phenomenological description of meditative experience. **Journal of Consciousness Studies**, v. 24, n. 5-6, p. 170-198, 2017.
- PETITMENGIN, C.; NAVARRO, V.; QUYEN, M. Anticipating seizure: pre-reflective experience at the center of neuro-phenomenology. **Consciousness and Cognition**, v. 16, p. 746-764, 2007. DOI: 10.1016/j.concog.2007.05.006.
- PETITMENGIN, C.; REMILLIEUX, A.; VALENZUELA-MOGUILLANSKY, C. Discovering the structures of lived experience: towards a micro-phenomenological analysis method. **Phenomenology and the Cognitive Science**, v. 18, n. 4, p. 691-730, 2019. DOI: 10.1007/s11097-018-9597-4.

SMITH, J. A. "Yes, it is phenomenological": a reply to Max van Manen's critique of interpretative phenomenological analysis. **Qualitative Health Research**, v. 28, n. 12, p. 1955-1958, 2018. DOI: 10.1177/1049732318799577.

VALENZUELA-MOGUILLANSKY, C. An exploration of the bodily experience of persons suffering from fibromyalgia. **Constructivist Foundations**, v. 8, n. 3, p. 339-350, 2013.

WITHERINGTON, D. *et al.* Metatheory and the primacy of conceptual analysis in developmental science. **Human Development**, v. 61, p. 181-198, 2018. DOI: 10.1159/000490160.

ZAHAVI, D. Naturalized phenomenology. *In*: GALLAGHER, S.; SCHMICKING, D. **Handbook of phenomenology and cognitive science**. Dordrecht: Springer, 2010. p. 3-19.

ZAHAVI, D. **Phenomenology**. The basics. London: Routledge, 2016.

ZAHAVI, D. Getting it quite wrong: van Manen and Smith on phenomenology. **Qualitative Health Research**, v. 29, n. 6, p. 900-907, 2019a. DOI: 10.1177/1049732318817547.

ZAHAVI, D.; MARTINY, K. Phenomenology in nursing studies: new perspectives. **International Journal of Nursing Studies**, v. 93, p. 155-162, 2019b. DOI: 10.1016/j.ijnurstu.2019.01.014.

ZAHAVI, D. The practice of phenomenology: the case of Max van Manen. **Nursing Philosophy**, v. 21, n. 2, e12276, 2020. DOI: 10.1111/nup.12276.

ZAHAVI, D. Applied phenomenology: why it is safe to ignore the epoché. **Continental Philosophy Review**, v. 54, p. 259-273, 2021. DOI: 10.1007/s11007-019-09463-y.

Recebido em: 11/2022
Aprovado em: 12/2022